

I.

São 18 horas e ela ainda não encontrou nada.

Ela se pergunta se é normal ficar tanto tempo procurando um presente para uma festa de inauguração na casa de alguém que a gente mal conhece.

Eles foram ao Conran Shop, ao Le Bon Marché. Vasculharam todas as lojas de Saint-Germain-des-Prés. Faltam poucas semanas para o Natal e há uma multidão de gente por toda parte. Contaminadas pelo espírito natalino, as pessoas não veem a hora de colocar os pacotes ao pé da árvore. Amigos de outras regiões vieram passar o fim de semana em Paris. Tudo está bem.

Algumas semanas atrás, seu homem a pedira em casamento em Nova York, no centro da cidade pela qual sempre teve um carinho especial. Ele foi impecável na organização: acordaram às seis horas, tomaram um táxi para Roissy e de repente estavam num hotel em Manhattan. No alto do Empire State Building, ele tirou do bolso um

diamante. Tudo perfeito, como de costume. Ele não é do tipo que faz as coisas pela metade.

Ela disse sim.

Desde então, a história rendia comentários nos jantares.

Ela ainda não encontrou nada.

Ela se encanta por um cinzeiro. Seria completamente estúpido oferecer um cinzeiro a quem não fuma. Então vê um abajur interessante. Mas seria o maior absurdo dar um abajur tão caro a alguém quase desconhecido.

– Escute, e se a gente comprar um buquê de flores e uma garrafa de champanhe? Acho que cairia bem.

Ele perde a paciência. Ele, o homem perfeito, que nunca se exalta, não entende. Também, como poderia entender? Naquele dia, nem ela conseguia entender. Afinal, era apenas a festa de inauguração dos vizinhos do segundo andar do edifício B.

Ela volta ao Le Bon Marché. A seção de presentes de Natal parece o Boulevard Périphérique nas horas de pico. Finalmente, ela acaba se decidindo por um objeto que encontrou sem querer: uma caixa de metal cheia de papezinhos com mensagens. Deve-se ler uma por dia. Ótima opção para burgueses ricos que adoram gastar dinheiro com coisas inúteis. É algo que os fará lembrar dela todas as manhãs. Pronto.

Estamos em novembro.

2.

Eles se mudaram há alguns meses para um loft que parece saído de uma revista de decoração, o tipo de apartamento que só pessoas com muito dinheiro poderiam comprar.

Os dois não são ricos. Compraram um depósito abandonado de um sírio meio desonesto que administrava o condomínio. Era preciso um pouco de imaginação.

– Este é o lugar do qual falei. Fica no andar térreo, no pátio, entre dois imóveis. Como já avisei, há muita coisa para fazer, mas o resultado pode ser fantástico. Atualmente, a zeladora usa este espaço para guardar as lixeiras, mas, pelas novas regras do condomínio, ele deve se transformar em habitação. Há duas adegas contíguas ligadas por uma escada. Venham, vou lhes mostrar, cuidado com as teias de aranha...

– E esse buraco no meio do teto, o que é?

– Aí devia existir uma claraboia antigamente, então cobriram com pedaços de lona para proteger da chuva. Cento e cinquenta mil euros: é uma pechincha para o bairro, há várias pessoas interessadas, por isso não demorem muito para decidir.

Centos e cinquenta mil euros, setenta metros quadrados devastados e duas adegas, a alguns minutos a pé da prefeitura do 17^e *arrondissement*. Uma pechincha!

Eles fecharam negócio.

Dias depois, ele viaja para Beirute. A Guerra do Golfo tem início. Ela começa a frequentar a Point P à procura de materiais de construção. E vai em busca de pedreiros para a obra.

O espaço começa a se transformar. As adegas viram quartos, uma grande claraboia permite a entrada da luz. As paredes se abrem, as antigas vidraças são soldadas. Duas amplas janelas dão vista para o pátio. Enormes lajes de vidro substituem o velho piso. Ela remove o teto e recupera as vigas de aço que estavam escondidas. Lá fora, coloca um grande vaso com terra e planta uma oliveira.

De vez em quando ele volta. Mas logo tem que regressar. Sempre acontece alguma coisa em algum lugar do mundo. Ela continua. Sozinha. Mesmo assim, ainda consegue perguntar o que ele acha das torneiras que ela comprou para o banheiro. Se concorda que ela use azulejos de metrô para o boxe. Ele concorda. Arruma a mala e vai embora.

Um dia, eles se mudam. Em poucos meses, ela transformou o espaço num lugar paradisíaco que parecia um recanto da Itália. Com aquele pátio florido que nos inspira a tomar o café de manhã ou um drinque à noite. Enfim, ela imagina que a Itália seja assim.

É nessa época, não se lembra bem, que ela vê o pessoal do segundo andar pela primeira vez. Observa a mulher passar e ele seguiu-la com o carrinho de bebê. A filha ainda não anda. Eles não param.

Ela não gosta dos domingos, sempre fica um pouco melancólica. Seu homem está trabalhando. No segundo andar, uns dez pedreiros dão os toques finais à residência. Ela ouve o barulho de martelo e serra elétrica: devem estar instalando as últimas prateleiras.

De repente, chega a polícia. Sempre há pessoas bem-intencionadas. Um vizinho, irritado com o barulho, deve ter feito a queixa. Os policiais saem da casa levando dez pedreiros sem documentos.

Ela pensa em avisá-los. Pede o número à zeladora. A linha telefônica ainda não foi instalada. Eles vão se mudar a qualquer momento.

A porta de entrada se abre. Ela enxerga a silhueta dele na contraluz. Ele avança em sua direção. Ela o encara. Ele não tira os olhos dela, o que a faz colapsar por dentro. Ele se aproxima. Não fala nada. Nervosa, ela diz que tentou

entrar em contato. Ela está com o *Le Monde* nas mãos. Ele continua calado. Ele pega uma caneta do bolso e anota seu telefone num canto do jornal. Ela tem as mãos trêmulas e não consegue segurar o jornal. Ele também não.

Os dois estão ali na rua, no meio dos policiais, dos pedreiros, das pessoas, e se olham. Estão tão próximos um do outro que ela quase pode ouvir o coração dele bater. Os olhos dele mergulham nos dela, o tempo para; os vizinhos chegam e o tempo retorna.

Ela nem se mexe. Há umas dez pessoas agora. “É claro que é preciso ir à delegacia.” “Não. Seja como for, a responsabilidade é da empresa.” “As obras estão registradas? Bem, então cabe ao contratante resolver a questão.” “Sim, e hoje é domingo, talvez o atendimento não seja tão demorado.” Ele está arrasado. Os vizinhos tentam animá-lo. Afinal, dizem, o caso não é tão grave assim.

– E a obra, já terminou?

– Sim.

Eles devem se mudar no próximo fim de semana.

Todo mundo fala ao mesmo tempo. Ela está parada lá no meio, segurando o jornal. No canto de uma das páginas, há um número de telefone rabiscado. Ela sente-se atordoada, confusa. Inconscientemente, imagina por quê. Mas, na verdade, não entende o que acontece. Ainda não.

Ele se afastou.

À noite, ela jogou fora o *Le Monde*. Antes, anotou o número dele no celular. Como se fosse impelida a fazer isso. Ainda ia demorar muito para ela descobrir o motivo.

Hoje é 11 de novembro.